

José Luís Simões da Fonseca

O BANQUETE

UM ENSAIO DRAMÁTICO

2009

FIGURAS DO DIÁLOGO

SÓCRATES

SAFO

ALCIBÍADES

HUMPHREY BOGART

MARILYN MONROE

RUI SÓCRATES

ACTO ÚNICO

Os personagens sentam-se à volta de mesas individuais encostadas mas separadas. Há cadeiras livres para onde se deslocam. Em cima da toalha da mesa, restos de um festim com libações de vinho, copos não completamente esvaziados com um vinho roxo e vasos e ânforas.

Alcibíades e Safo têm à sua frente uma mesa mais alta que as mesas de madeira, em ferro negro e com um pequeno tampo, onde estão pousados copos, um deles cheio.

Cada um tem no chão, a seu lado, uma ânfora e um jarro com vinho.

SÓCRATES

Muitas são as coisas que conhecemos, pareceríamos ridículos se não soubéssemos responder a todas as perguntas sensatas que nos pudessem fazer acerca do amor. temos um saber concreto para ter filhos, por termos caído na armadilha de prazer com que a natureza torna os nossos corpos atraentes. O sedutor faz-nos antecipar o que todavia já sabemos de memória. No meio do festim já sabemos de quem vamos beber o vinho, ou quem dele nos vai privar. Todos os copos são iguais. A diferença que importa está em quem nos dá a beber.

Sabemos todas as técnicas do amor e de dar amor do Kama-Sutra, somos verdadeiros engenheiros do corpo e todavia não somos nós que damos a alma aos corpos que geramos, aos filhos do nosso amor. Como poderíamos, loucos de paixão, imaginar-nos como árvores cujo fruto maduro tivesse o sabor e o perfume da razão?

Eis a questão que vos proponho: podemos saber as regras da fecundidade, podemos conhecer os gestos e os gritos do êxtase de quem nos ama e de nós próprios, mas apenas como se nos víssemos

num espelho. Tal como num texto de palavras, o sentido está para lá do que está escrito ou é dito, também no amor, na loucura de amar, tudo nos parece compreensível, mas quando serenamos e finalmente reflectimos, só sabemos o que nos impeliu ou incentivou para a acção, mas não as razões do nosso estado. Nem sabemos como uma certa loucura entrou dentro de nós, talvez vinda de outros.

SAFO

Penso que sei amar e ser correspondida pelas minhas amantes jovens ou resignadamente decadentes, a todas sinto vibrando como eu no momento do êxtase.

Estás pretendendo dizer, Sócrates, que há no amor alguma coisa mais para além do êxtase?

Queres convencer-me que a semente que se lança à terra já tem em si o perfume da flor que vai nascer?

É o teu argumento, Sócrates, que o amor não é aquilo que é mais sim um fantasma do que já foi e uma profecia louca sobre o que vai ser?

Somos nós intérpretes do amor como os músicos que tocam os seus instrumentos e com os seus actos concretos acabam por provocar sons impalpáveis, acções não vistas, linguagem não dita que entra na nossa alma por uma via em que os nossos sentidos são apenas como cavalos correndo à desfilada e em liberdade, ouvindo nós o seu tropel e não sabendo o que transportam, logo ficamos seduzidos pela beleza da natureza que neles é, queres tu dizer, Sócrates, que o amor é o que não é?

SÓCRATES

Nós vemos, ouvimos, sentimos o mundo, os gestos e o desejo, mas para entender o amor esses são apenas sinais exteriores. O amor é a relação que os liga entre si, como o corpo é a relação que liga os membros que o fazem ser aquilo que é. Mas entender o amor é

entender o ser humano e isso é mais que compreender as suas motivações e as suas intenções, é poder prever por que se conhece a relação que tudo explica – qualquer script da alma ou do corpo, quando o exterior, de que apenas conhecemos os sinais, o vier solicitar.

Conhecer o amor é como conhecer o deus que gera o amor de Eros e Psyche, Afrodite e Adónis, Hermes e o próprio Zeus, por isso entendemos o amor dando a esse entendimento o nome de deuses. Essa compreensão é significada pela metáfora dos deuses. Como poderia uma metáfora oferecer-nos o desejo e provocar-nos o orgasmo?

Mas o corpo da relação de amor fica apenas indicado, a tarefa de o entender vai muito para além disso e é, em princípio, infinita e inatingível. É por isso que nós invocamos os deuses assinalando com eles que nada mais é possível senão um conjunto de expedientes práticos que substituem sem eficácia a ideia de amor que, algum dia entendida, tudo ofereceria numa dádiva pródiga àqueles que usassem esse ideal conhecido para ordenar o caos das suas ligações aos outros humanos.

SAFO

Estás a defender, Sócrates, que para compreender o amor é preciso construir uma ciência?

SÓCRATES

Mais do que isso, é preciso construir uma religião e uma cultura, uma civilização e uma história para logo abstrairmos a essência a partir da sua imperfeição mundana e usarmos a nossa consciência e a nossa inconsciência como um paraíso, para finalmente vivermos um amor reencontrado, despojado de todas as contingências, na sua verdade absoluta.

ALCIBÍADES

Eu penso como Safo. Estive hoje no torneio de ténis de Wimbledon e a exaltação que senti era para mim a consequência da beleza dos corpos dos movimentos dos efebos, que ora corriam velozmente ora estacavam de repente enquanto executavam elegante e violentos movimentos com os seus braços e torciam os seus corpos. Toda esta plenitude física e pujança dos jogadores estavam ligados a uma fútil troca de pancadas numa pequena bola que à primeira vista pareceria a razão do seu jogo. Também no amor todo o cortejar desperta em nós a vivência da beleza que se deseja consumada e que está muito para além da excitação de uma consumação todavia necessária.

Para mim, é o significado do jogo com regras o que me importa decifrar e o processo de significação pelo qual o significante se transforma em significado.

SÓCRATES

Queres então limitar o amor que sentes comparando-o a um jogo com regras?

Esse seria um leito de Procusta no qual caberia qualquer dos efebos que admiras e amas mas não o próprio amor, que estaria fora da cama encerrado na sua beleza e prazer mas contido no cofre do seu corpo, cujo segredo não saberias mas que se abriria sem precisares da chave, quando os teus sentidos e a tua imaginação se dessem as mãos na excitação de um orgasmo. Serias tu capaz de explicar a significação que dá sentido ao teu fútil jogo?

ALCIBÍADES

Aplicando as regras dos jogos ao amor poderíamos então cair num caso de assalto múltiplo a um banco bem recheado de riquezas que desejaríamos se tornassem nossas. O segredo da abertura do cofre dependeria, infelizmente, da habilidade para descobrir o significado das palavras sem som que são escritas nas regras próprias ou exteriores dos movimentos dos corpos que nos enlevam.

Precisaríamos para isso, não da barra de ferro do furtivo ladrão, mas da muito mais poderosa posse das regras de decisão que nos conduziriam à decifração do sentido e da verdade das proposições do nosso corpo e da nossa alma.

SÓCRATES

Pensas que uma indecidibilidade é a causa da leviandade no amor?

ALCIBÍADES

Não. Penso que a leviandade no amor é a causa da indecidibilidade. Por muito que se ame num instante, por maior que seja a expectativa do prazer e do desejo, tudo acaba por se concretizar num tempo próprio e é na contabilidade das concretizações que se seguem ao desejo, e que já não são controladas por ele, que podem ocorrer a frustração, o desamor e o amor sem amor que são a falsificação das proposições que deveriam seguir-se, verdadeiras, a dois desejos partilhados cuja verdade impregnaria por algum tempo o discurso do corpo e da alma do amor, agora incarnado no comportamento e principalmente na linguagem sentida como um gosto exterior da alma que acompanha a vivência interior dos corpos que se tocam e se penetram.

SÓCRATES

Não pensas que o amor é como um ginásio onde se oferece o corpo á vista nas suas formas, nas suas mais belas posições, movimentos e atitudes? Nem como um bailado em que se oferece o corpo ao contacto e ao tacto e com o calor da pele se procura o êxtase nupcial e exaltante, pois não? Ou quando os olhares se cruzam, o brilho dos olhos convida à confissão do amor um do outro, ou como alternativa de expressão apaixonada com um despegado desinteresse ou mesmo desdém, convida o outro a que use as palavras, os gestos e a proximidade física para desencadear o desejo na amada ou no amado rebelde que corre para ser agarrado?

Vai nessa oferta carnal a dúvida de ser ou não o único a ser aceite? Ou o jogo de sedução e ciúme é o instrumento que serve para enlouquecermos o outro, despertando de novo os resíduos que nele ainda ardem apesar do grande fogo se ter apagado? Ou a arte e a poesia são oferecidas para que o outro se identifique com um ideal daquilo que não é, mas sentindo-se afinal digno de ser amado na sua imperfeição ou todo o festim da entrega e resistência que se oferecem para ser vencidos à primeira investida? Ou os lábios tensos, húmidos e quentes como a rosa no orvalho da manhã, como o sexo apaixonado e já quente com os raios de sol da manhã. Ou os ternos abraços, o roçar do corpo como num sonho em que os corpos voassem num enlace aéreo como o voo nupcial das aves? Ou a simples e directa oferta do sexo húmido e receptivo, até mesmo a oferta do corpo que se dá para ser acariciado mas pelas circunstâncias não está ainda consumado o desejo, cada vez mais simbolizado pelo falo terrível que se ergue?

Os amantes procuram-se num jogo de oscilações de inícios múltiplos. Quando a relação se consuma a oscilação cessa e a homeostase conduz à estabilidade da coalescência dos dois seres, mas para alimentar o amor nada seria pior que a estabilidade permanente. Assim, para manter a relação estável os amantes, paradoxalmente, terão que procurar um movimento comum. O paradigma do amor bem conseguido é assim, não o homeostase. Mas sim a homeoquinese. O movimento absorve em si a frágil unidade que nele perdura.

Teremos então uma retórica do discurso e de seguida a substituição da lógica por uma dialéctica. A exploração desta possibilidade ainda não está concluída. Deixemos os amantes amar sem lógica, sem retórica e mesmo sem dialéctica. Lembremos agora que o amor é não só um estado físico como um estado conceptual e emocional. Quais são os conceitos do amor?

São os ícones em que a amada se apresenta cheia de rimmel e pestanas postiças com rosetas de sombra nos olhos e na face, cheia de pó branco por cima numa base apropriada.

Ela é um verdadeiro ícone de si mesma, por algum tempo o ícone de uma mulher apaixonada, para logo perder o amor e se transformar numa decepção matrimonial em que ela já não é ícone, mas sim símbolo abstracto e convencional cujo significado é fixado pelas regras do contrato nupcial.

Intermediariamente, ela é um diagrama que representa as formas do seu corpo e a sua proporção, tornando-as apropriadas como plano para um arquitecto que quisesse construir um templo ou mesmo só uma casa de família com o seu pátio interior e o seu gineceu. O importante para reter é que cada pessoa no amor é, não só ela própria, como ainda um símbolo que funciona como significante que transmite um significado à pessoa amada. Amar é então como vivenciar uma obra de arte que nos transmite a beleza da sua forma e proporção e ao mesmo tempo são a pedra angular do nosso conhecimento do mundo através do par, o número imperial , o dois que é o um de um mais um, o par dos que se amam.

SAFO

Tu és homem, Sócrates, e se quiseres podes facilmente imaginar o amor com coisa física, um sentimento que se transforma num comportamento, numa realidade que imaginas como sendo directamente observada.

Em nós, mulheres, tudo começa como num sonho acordado. Sentimentos puros, imagens directas da nossa alma como se houvesse qualquer forma de fotografia ou de vídeo para os sentimentos mais delicados. Um espelho transcendente em que os nossos mais delicados prazeres e desejos ficassem reflectidos como na memória permanente de um computador.

Pode então dizer-se que o amor é para nós como um sonho tornado real? Mais real que qualquer outra realidade envolvida em que acreditássemos. E, todavia, nada no nosso amor é assim um amor de evidências, se quisermos uma evidência representada no nosso

íntimo, como se nele tudo se passasse num teatro cartesiano pleno de actividade subjectiva mais que a realidade objectiva do nosso corpo. Por isso muitas vezes preferimos as carícias que evocam a relação desejada e que perdura á consumação violenta e que, embora maravilhosa, logo que se consuma se consome a si mesma conduzindo ao nada indesejado.

Na sua forma mais sublime não é uma imaginação que se reconheça como tal, mas um sonho que nos cobre e nos afoga como no final do Lago dos Cisnes.

SÓCRATES

Os seres são unos, mas só no sentido em que as infinitas partes que os compõem pertencem, para cada um de nós, a um mesmo todo. Também as vivências são um todo, como música composta pelos sons produzidos pelos muitos instrumentos que geram as nossas melodias privadas e a nossa harmonia interior.

No orgasmo, o sonho tornado realidade transforma-se de novo no mais delicioso sonho. E o sonho sendo só nosso, é a nós que nós amamos, como Narciso à beira das quietas águas do lago sereno.

O amor entre mulheres não é suficientemente instrumental. É a doçura dos sentidos, mas não o vivido calor de uma pele penetrada. Muitos há que, sendo homens, tendo o gesto, a palavra, as atitudes ou posições, produzem objectos estéticos que são o significado público do seu momento de amor. A paixão é como uma disciplina que tudo organiza no discurso coerente de um concerto que só se poderia querer que fosse interminável, como objectos que pertencessem a deuses eternos, sem as transitórias variações do querer ou mesmo das querelas humanas.

Lembras-te de Helena de Tróia conduzindo o Dr. Fausto pela mão, dando-lhe através do amor a contemplação e a possibilidade de entendimento das essências, das ideias do mundo, nelas tornado real?

Tudo no amor tem três aspectos, um nosso, próprio, imanente, outro transcendente e imanente e o comum à nossa consciência

transcendental e à empatia do outro, a vivência do nós no outro, tornado outro eu. O amor é a fusão dos três sentidos: o imanente, o transcendente e o transcendental.

SAFO

Queres tu dizer, Sócrates, que o amor é como uma doença psicossomática em que Eros substituísse o Tanatos dos sintomas?

Essa é uma parte da verdade. Para nós, mulheres que amamos mulheres, a desvalorização, mesmo a repugnância pelo falo e pela força viril é o amor com rejeição da posse pelo homem. Assim, quando nós mulheres nos possuímos, é como se cada uma se possuísse a si própria, sem violação da sua intimidade.

Mas isso é bem carnal. Nós preservamos no amor a intimidade de cada uma sem a intrusão do corpo do outro. Fazemos soar a nossa voz à entrada de casa, anunciando-nos, mas não violamos a privacidade sagrada da outra.

SÓCRATES

Mas a posse pelo falo e pela força viril é o que faz sonhar a maioria das mulheres, porque é isso mesmo que lhes faz falta.

SAFO

Acredito, porque fala a tua parte feminina. Pelo contrário, essa mesma parte do meu eu que aspira a um procedimento que se assemelha á doçura táctil da brisa que toca o nosso corpo numa tarde de calor abrasador, está isenta da violência sádica ou pelo menos dolorosa da penetração que é a essência do feminismo para um homem, mas para nós, mulheres, é apenas a posse que já em si mesma se consuma sem todavia grosseiramente se consumir.

ALCIBÍADES

A razão está do teu lado, Safo. Penso que eu tenho tudo o que um homem e uma mulher possuem. Não me contentaria com a posse

pelas carícias de uma mulher porque a ela nunca o falo me ligaria – seríamos sempre exteriores um ao outro.

Dessa forma sentir-me-ia possuído por ela e a minha alma sentir-se-ia como mulher. Mas só por um instante, porque para mim é a arrogância viril e a força do falo que respira como homem, e isso amplifica no outro o meu ser, de forma indescritível.

Não como uma masturbação por interposta pessoa, como parece que em qualquer caso aparenta ser o divino chamamento a que as mulheres aspiram entregar a sua ânsia de comunicar.

SÓCRATES

Entendo bem as tuas razões. Há todavia outras razões para pensar que quando um homem se entrega a outro está a protestar contra um papel que estariam a querer fazê-lo representar, que seria vinculador da sua natureza a um modelo indesejado.

Será porventura um sinal da rebeldia, do protesto contra a iniquidade da natureza que o afasta duma desejada essência feminina.

SAFO

A mim ofende-me a intriga e o escárnio da maioria das mulheres paridoras. Quase já não saio da minha ilha, só lá me dispo à frente de todas, fruindo dos seus sexos interminavelmente saciados, mas sempre neles renascendo o desejo dum êxtase que, por não depender da erecção do falo, está sempre disponível.

Nunca seremos como os homens, que querem possuir e não serem os servidores.

SÓCRATES

Parafraseando Leonardo, poderíamos falar de uma figura supérflua ex-errore que só deixaria de o ser na união dos dois sexos, que é negada.

SAFO

Gostaria de te ouvir, Sócrates, discursar acerca do casamento e não apenas do amor.

SÓCRATES

Parece mais necessário falar do divórcio que do casamento.

SAFO

Em Esparta os casais mais jovens são impedidos de estar juntos mais que um dia. Não há nada mais convincente que uma ausência, pois incrementa uma paixão inconsciente e não sujeita aos defeitos do outro.

SÓCRATES

A separação é como uma distância a ser vencida, como alguém que nadasse entre as ilhas, só se comportando na sua inteira humanidade uma única vez por semana.

SAFO

Para encurtar a distância, primeiramente usam-se os olhos. Logo a distância é vencida pelos braços que conduzem as mãos até ao encanto e calor da pele. Sempre distâncias positivas, mas do amor pode dizer-se que é uma distância negativa, a própria junção do múltiplo no uno.

SÓCRATES

É com a nossa língua natural, que usamos desde a infância, que o amor é descrito como qualquer outro ser do entendimento. Por trás das palavras está toda a estrutura lógica proposicional que Russell e Wittgenstein nos vão ensinar. Com essa lógica puramente denotativa nós chamamos nomes às coisas, como pura designação, sem que o nome inclua qualquer entendimento do que é dito em si mesmo.

Que melhor oferta pode dar o amante à sua amada que o entendimento dela e do seu amor? No entanto, o amante nem sequer

dispõe de linguagem para falar com propriedade desses sistemas porque o seu entendimento lógico é extensional e não intencional. Se acreditarmos que a lógica é apropriada para descrever os seres humanos, então teremos que desenvolver um cálculo em que existirá um conjunto base de variáveis que correspondem a qualidades irreduzíveis no seu significado.

Descreveremos uma álgebra com operações modulares, corpos de Galois $CG(2)$ sobre os resíduos que são os resíduos '0' ou '1' que se obtêm como resto da divisão de qualquer número inteiro por '2'.

Essa álgebra incluirá os números '0' e '1' e terá as propriedades que caracterizam um grupo aditivo e um grupo multiplicativo.

As álgebras de Boole constituem uma estrutura de anel à qual está associada a operação de negação. Esta operação de negação não é necessária aos $CG(2)$

porque $\bar{x} = x \oplus 1$ e $x \oplus x = 0$.

Definimos em seguida **n-tuplos** de variáveis elementares do conjunto base, definimos a estrutura de anel correspondente às operações de soma e multiplicação realizadas sobre esses **n**- ou vectores. Definimos uma distância de **Hamming** entre dois vectores quaisquer x e y pelo número de entrada diferente entre elementos correspondentes dos dois **n**- .

Dentro deste segundo cálculo vectorial vamos agora servir-nos do conceito e matriz para definirmos os predicados que possam caracterizar as entidades que correspondem a um qualquer vector $PQ \dots$ etc. Repare-se então que o produto interno numa matriz I de dimensão $n \times n$ por um vector $P'P'$ de dimensão $n \times 1$ conduz a um sistema de n equações a n incógnitas.

Se interpretarmos os coeficientes a índice subscripto i, j como 0s e 1s e o vector P com **n**- $[p_1, p_2, \dots, p_n]$ subscripto teremos então n equações do tipo

$$a_{1,1p} \oplus a_{1,2p} \oplus \dots \oplus a_{1,n} = p_1 \text{ que será a entrada do vector de qualida}$$

1 2
des definido por \overline{M} .
P

Ao contrário daquilo que se passa no cálculo de predicados de primeira ordem, não é forçosamente necessário o uso de quantificador \exists e \forall , os conhecidos quantificadores existencial e universal, porque essa informação está implícita na estrutura matricial que estamos a documentar. Imaginemos agora **pumalinhahorporcim pduasidem** conectiva lógica $\cap, \cup, \sim, \supset, \equiv, \oplus$, etc é implementado, cada um deles por um operador que actua no tempo, gerando uma expressão proposicional temporal.

Poderemos imaginar um conjunto de n operadores com um total de n inputs e também de n outputs.

Se descrevermos através do vector $S_i(t)$ o estado desse conjunto no instante t então o estado do input $X(t)$ no instante t e do output $Y_i(t)$ obteremos as seguintes relações $X_i(t) \oplus MS_i(t) \equiv S_i(t+1)$ que deve ser lida da seguinte maneira: uma rede de n elementos que estabelecem entre si relações definidas

pela matriz n x n, M, dado um input $X_1(t)$ e um estado actual dos n elementos $S_i(t)$, determina o estado $S_i(t+1)$ que exprime a representação do conhecimento que deriva da representação do exterior pelo vector de input $X_i(t)$, do estado actual da rede $S_i(t)$ e do operador M que determina a significação que fica expressa nessa relação que conduz a $S_i(t+1)$. Por outro lado, a expressão $X_i \oplus NS_i(t) \equiv Y_i(t+1)$, que deve ser lida como: o input X, o estado actual S_i produzem o output $Y(t+1)$ por efeito da combinação do input com o resultado da operação N . S em que N é a matriz n x n que exprime a intenção de dado X e dado $S(t)$ produzir a acção $Y(t+1)$. Temos assim duas definições operacionais para os conceitos de significação e de intenção, respectivamente.

Quando o poeta escreve:

Com que ânsia tão raiva

Eu quero aquele outrora

Eu era feliz? Não sei

Fui-o outrora agora,

vejamos a que conduz o nosso modo de ver as coisas:

eu / com que ânsia \oplus tão raiva

eu \equiv [x1.x2] que deve ser lido como

no verso de Pessoa 'eu' tem as qualidades emocionais da ansiedade

e da raiva. Na notação anterior temos E (t) \equiv M [x1, x2]. O

segundo verso

eu | quero
 | quero aquele
 | quero aquele outrora

E(t) \equiv [x3, x4, x5]

Eu era feliz? Não sei

Eu | era feliz (passado)?
 | não sei

E(t) \equiv [x6, x7]

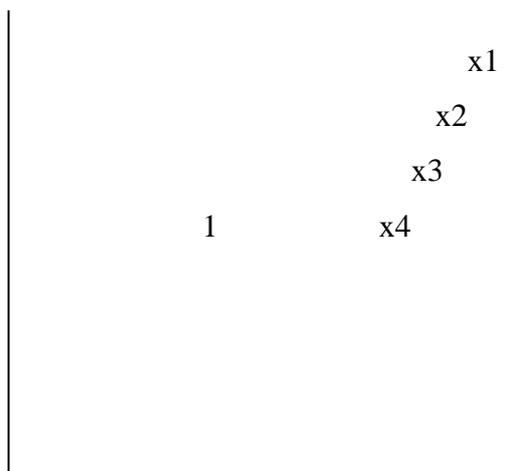
Fui-o outrora agora

Eu | sou (passado, fui)
 | o (pronome, isso)
 | outrora agora

Et \oplus M [x8, x9, x10] o que em anotação

a estrutura global do eu

Eg \equiv e1 + e2 + e3



1 x5
 1 x6
 1 x7
 1 x8
 1 x9
 1 x10
 1
 1
 1

poderíamos multiplicar estes exemplos dando-lhes uma solução análoga. Deixo com exercício transformar numa estrutura significativa matricial o poema:

‘Escrevo meu livro à beira mágoa
 meu coração não tem que ter
 tenho os olhos rasos d’água
 só tu meu Deus, me dás viver.’

Esta proposta nem sequer sofre por ser boa apenas para um caso particular, pelo contrário, é completamente geral, senão vejamos:

As árvores da natureza têm um tronco, uma raiz, ramos, folhas, flores, frutos. Ao longo da sua altura acima da terra vão partindo ramos cujo ponto de partida obedece a uma proporção característica da árvore. Nesses ramos implantam-se folhas com a sua cor e a sua forma, a sua estrutura de nervuras, a sua dimensão, o brilho diferente entre uma face e a outra, um pedículo característico, uma flor com androceu e gineceu, uma grossura do tronco e dos ramos característica na sua distribuição, uma altura e um volume de copas características. Piet Mondrian pinta exactamente as suas árvores como vectores visuais de maneira inteiramente análoga à que fizemos com os poemas de Pessoa. Só que com os poemas de Pessoa pendem palavras dos ramos e não folhas.

Marilyn

Alcibíades e Sócrates são demasiado teóricos. Eu venho de uma nação nova, de um novo mundo. Nós temos prazer em getting things done. Para nós, o melhor é atear o fogo, fazê-lo arder com chamas cada vez mais altas e, se se extingue, deitar fora as cinzas e começar de novo.

BOGART

Com essa novidade, bem depressa poderias esgotar a variedade que só na aparência está disponível em Alcibíades. Para cada um como ele são logo dois amantes perdidos.

Marilyn

Se fosse mesmo assim a humanidade acabava. A verdade é que, segundo os estudos de Kinsey, Pomeroy e Martin, só uns 30% são heterossexuais, ou nem tanto porque alguns dão para os dois lados. Basta ir à noite em Lisboa ao Parque Eduardo VII.

SAFO

Reparo, Marilyn, que só contaste os homens, o que só mostra a tua lamentável orientação exclusivamente heterossexual. Pensa que nós, as mulheres como eu, somos ns também uns 30%. Repara agora que, sendo de 60% a probabilidade de, quer os homens, quer as mulheres, serem heterossexuais, a probabilidade conjunta de num casal ambos serem heterossexuais é apenas de 30%.

SÓCRATES

Em primeiro lugar proponho um brinde ao amor verdadeiro, como o desejável amor de Marilyn – um amor sem números

RUI SÓCRATES

Peço desculpa, divino Sócrates, mas Santo Agostinho mostrou que as ideias do amor são matemáticas, têm que estar escritas em números. Senão vê: Deus é possuidor de um supremo amor, supremamente perfeito. Se o amor de Deus fosse feito de ideias como as dos mortais, então Deus iria mudando de natureza ao longo de toda a eternidade porque estaria constantemente a actualizar a sua visão do mundo. Nota bem, Sócrates, Deus não precisa de pensar porque na sua infinita perfeição ele vê todas as coisas exactamente como são, ao contrário de nós que, para entendermos o mundo, temos que o reconstruir no nosso pensamento. Não nos basta vê-lo ou senti-lo por qualquer forma que seja.

SÓCRATES

Se compararmos a duração eterna da existência de Deus com a pequena esperança de vida dos mortais, para ser coerente e consistente no tempo Deus só pode ter ideias verdadeiras para toda a eternidade. É uma lamentável limitação da sua perfeição. Mas se ele mudasse, logo à primeira vez teria de ser de uma ideia supremamente boa para outra igualmente boa, também supremamente boa.

RUI SÓCRATES

Isso é o que nós em engenharia chamamos de uma trajectória óptima. A verdade é que eu não sou engenheiro, mas repara, divino Sócrates, as únicas verdades que são eternas são as da matemática. Ora como Deus só possui verdades eternas e como as ideias da matemática são as únicas eternas, então as ideias em sua mente são matemáticas e a sua cabeça está cheia de números, mesmo quando pensa no amor. Portanto, usar de estatísticas no amor faz sentido. Como Primeiro Ministro, quando quero disfarçar as minhas mentiras, encho os meus discursos de estatísticas que, tal como as ideias da Sibila permitem interpretações completamente diferentes umas das outras e até contraditórias.

SAFO

A única forma de matemática que exalto é a bela geometria dos corpos femininos. E, quanto a número, o maior possível. Eu quero continuar mortal para poder morrer infinitas vezes.

ALCIBÍADES

Assim, o amor de Deus é um amor monogâmico, porque só há uma única beleza que seja suprema. Por isso Deus é forçosamente fiel. Digamos mais, tal com se passa comigo, eu não sei se sou masculino ou feminino, porque se foi ele que criou todas as coisas, a tarefa da criação é feminina e então, no mínimo, só poderá ser bissexual.

RUI SÓCRATES

Eu estou fora das contingências desse argumento – eu só amo o poder e algumas jornalistas que me fazem a publicidade. Se me forem fieis e tratarem bem dos meus assuntos, dou-lhes uns bons lugares e, no caso das jornalistas, alguns diamantes, que vão ser os seus melhores amigos.

SÓCRATES

É então verdade o que se diz de ti. Tu não és um patriota nem sequer amas o teu país. Só queres o teu poder pessoal. Repara que nunca invocas o partido a que pertences. És sempre tu que fazes tudo. Se a União Soviética existisse, eu diria que tu eras um Stalinista moderado.

Só não mandas matar os teus adversários porque imaginas que, com a ajuda da banca, os vais poder continuar a enganar a todos, todo o tempo. Se, pelo teu amor, te tornasses um deus, como aconteceu a Psyche, então tu transformarias o teu país num campo de

concentração disfarçado de resort onde passas uma vida toda feita de férias.

No teu lugar, eu recearia que Zeus me castigasse, transformando-me em Pinóquio para toda a eternidade. Então serias um Primeiro Ministro de mentira de um governo mentiroso de um falso país transformado num espectro daquilo que alguma vez foi mas agora está morto.

RUI SÓCRATES

Isso é o que eu estou a tentar no meu país, onde basta a gente saber que os professores corrompem os alunos como o clero católico da América corrompe as crianças do catecismo. Eu até já propuz á minha ministra para esse assunto criar uma nova Inquisição e queimar vivos os professores em grandes fogueiras na praça pública.

ALCIBÍADES

Regressemos ao argumento porque ele é claro e simples. As ideias de Deus sobre o Amor têm que ser as da matemática porque as ideias de Deus são verdadeiras para toda a eternidade e só as da matemática satisfazem essa condição. Está demonstrado que esta é a posição verdadeira, disse o meu amigo Euclides que tanto amo.

SÓCRATES

És tu jurista, Alcibíades? Se fores tão pouco fiável como os sofistas talvez ninguém leve a sério as tuas palavras e assim não te obriguem a beber a cicuta a que já deverias ter sido em boa verdade condenado. Tu corrompes as palavras que nomeiam tudo o que existe e assim tu corrompes tudo o que existe.

BOGART

Estou encantado com o Rui Sócrates. Assume as boas maneiras e os modos da classe dominante. Se não tivesse a certeza de que és

bem humano, eu pensaria que tu não passas de um papagaio de estado, um palhaço a quem está confiada uma representação que irá forçosamente acabar num fiasco.

SAFO

Mas o amor ao poder, Rui Sócrates, não incita em ti ideias muito belas ou muito generosas, antes te leva a mentir ou a fazer falsas promessas que as pessoas aceitam só porque sabem que de qualquer forma vão ter que te aturar mais dois ou três anos devido à tirania do tempo, que existe mesmo nas melhores democracias. Repara agora como as mulheres gregas, com Lisistrata à frente, obrigaram os seus homens a combater os Persas, recusando-se a ir com eles para a cama até se decidirem a lutar. Foi com a privação de um amor que elas criaram um facto político – um acto de amor pelo seu país e pela sua cidade.

SÓCRATES

Estas observações de Rui Sócrates são venais e pouco criativas, como quase tudo o que vem dele.

ALCIBÍADES

Porque ele não ama nada.

SÓCRATES

Nem o seu país nem ninguém. Ele tem a loucura de governar vivendo a política como uma neurose ou psicose política, uma nova entidade do foro psiquiátrico que o nosso Hipócrates ainda há-de descrever a partir deste caso clínico.

BOGART

Ele ama o país dos banqueiros, como mostram os seus empréstimos aos especuladores que perderam a fortuna em negócios escuros nos off shores. Mas se o seu país fossem as micro-empresas ele seria bem capaz de as rejeitar e partir de férias para um safari aquático

nas Maldivas. A verdade é que ele só se sente bem no meio dos tubarões. Não há dinheiro para erradicar a pobreza mas aumenta-se as dívidas do Estado para aqueles accionistas que fazem batota no jogo financeiro. É possível que ele só ame os pobres por serem pobres e os queira manter assim para os poder amar.

SAFO

Tens que fornecer cicuta aos tribunais do seu país.

BOGART

É perigoso porque podem obrigá-lo a bebê-la nas eleições do próximo ano.

ALCIBÍADES

O Manuel Triste está já a ameaçar fazê-lo. Dizem que ele gosta de dar injeções Helena no primeiro andar do Botequim. É uma espécie de dupla injunção em que por um lado ela se oferece e lhe diz “se não fazes não és um homem” e quando faz diz-lhe “fizeste isso porque és um covarde e um traidor ao teu partido”. Pobre homem!

RUI SÓCRATES

Esse só é bom a fazes rimas, de excelente qualidade, aliás. Contenta-se com a volúpia das palavras, não assalta o corpo dos problemas. Se ele tivesse um mínimo de lucidez, já estaria associado aos intelectuais do bloco e aos outros, os verdadeiros homens de esquerda do partido e do povo. Ele não vê, felizmente, que se foi fundador de um partido, agora já o perdeu para mim. Ao ser fiel ao partido, o que está certo, torna-se fiel a mim. Como é um homem de aparências, felizmente não vê isso.

SÓCRATES

Todas essas discussões me parecem fúteis e sem profundidade. Melhor que o argumento de Santo Agostinho é pensar que o amor é uma pura forma. Se consente uma pura forma vectorial, consente uma pura representação invariante e, se invariante, susceptível de ter um modelo que é a legítima realidade das imperfeitas coisas que existem numa vida de mundanas aparências. Aproveito para dizer ao Primeiro Ministro que faça as mulheres portuguesas aprender matemática. Vai ver que os homens portugueses não vão querer ficar atrás delas.

RUI SÓCRATES

Não foi Álvaro de Campos que escreveu “O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo”? O que há é pouca gente para dar por isso.

Uh..., uh, uh, uh... , uh, uh, uh (o vento lá fora)

O poeta Mário de Sá Carneiro sentiu necessidade de escrever expressões matemáticas na sua empolgante novela “O estranho caso da morte do Professor Antena”.

SÓCRATES

Vejo como no teu país se pode ser engenheiro sem fazer exames e depois reclamá-los para os outros. Quanto aos políticos, o melhor era encarregar a ASAE de retirar do mercado os políticos impróprios para consumo público. Depois fazem o mesmo à Universidade, aos médicos, aos juizes e advogados, em alguns sectores da cultura e até ao futebol. Finalmente, fazem-nos preencher fichas de avaliação e encarregam os juizes isentos de os avaliar. Depois, a esses que não prestassem, exportavam-nos para Espanha ou para um deserto na Terra do Fogo ou para outro lugar qualquer onde refrescassem as ideias e não fizessem mal a ninguém.

BOGART

Sinto-me como um gangster de bom fundo a lutar por uma causa irremediavelmente perdida, á beira do desespero mas por milagre a sobreviver.

Eu não perdoo a traidores e foi por isso que eu denunciei o Charlot e o Huston e mesmo alguns dos “Dez de Hollywood” à comissão de actividades anti-americanas do senador McCarthy. Lauren queria dissuadir-me mas eu não cedi, nem mesmo no caso de um homem de génio como o Arthur Miller, o da “Morte de um caixeiro viajante”.

Nós pertencemos a um país em que se condena Al Capone não pelo massacre de S. Valentim mas sim por se ter enganado na declaração de impostos.

Mas bastam três palavras para os entregarmos ao braço secular da Inquisição. No fundo, é possível que seja amado por razões bem diferentes, tal como John Wayne desperta nas mulheres o reconhecimento de uma masculinidade pouco doméstica.

“Falsos, cruéis, mentirosos, assim nos quer a sabedoria. É mulher e não gosta senão de guerreiros”, disse Nietzsche, com razão.

MARILYN

É muita presunção da tua parte pensares que sabes porque és amado. Tu és amado pela fantasia feminina, pela tua imagem conservada na memória em que se projecta toda a agressividade feminina que depois se sente redimida pelo teu lado bom e leal. Fisicamente és baixo e a tua única força está na coragem que mostras e no facto irrecusável de adorares o sexo e as confusões sentimentais da tua orientação masculina.

ALCIBÍADES

Não se pense que os desejos de uma mãe para com o seu filho são todos generosos e castos. Lady Haldane enviuvou muito cedo na

sua ilha da Escócia. Olhou à sua volta e não havia nenhum homem de jeito para amar. Apaixonou-se então pelo seu filho mais velho.

RUI SÓCRATES

No Campo Pequeno, em Lisboa, na esquina com a Óscar Monteiro Torres, os andares têm uma ocupação especial: em cada quarto vive uma família inteira. Dormem todos atravessados numa só cama. Nesta situação de promiscuidade física não se sabe, à noite quando se faz amor, com quem se faz amor e se o amor é verdade.

BOGART

Também os homens de casam para melhorar a sua situação económica. Não há então amor, só uma fidelidade subsequente à detenção dos metais.

MARILYN

Mesmo nas mulheres melhores casadas surgem com toda a frequência fantasias de outros encontros e relações. Se as têm ou não já depende de um maior ou menor desejo de fidelidade e dos compromissos que são ou não capazes de fazer consigo próprias, beber uma boa quantidade de tequila num bar para assim se desculparem de ter ido para a cama com outro que desejavam mas não amavam. Podem mesmo aproveitar o estarem grávidas de um para enfiarem outros sem cometer a suprema infidelidade de engravidarem deles.

Quanto a mim, a minha alma e o meu corpo e o meu desejo obedecem ao marketing das companhias de cinema de Hollywood. Os produtores e distribuidores de filmes são os meus gigolôs. Os psicólogos quiseram ensinar-me o que estou farta de saber e é natural em mim, cultura da voz, passos lânguidos, cintura requebrada, simular com gritinhos a excitação sexual, um sorriso sempre acolhedor e uma permanente carência afectiva que apela para uma aproximação terna dos homens. Uma expressão generosa dos meus seios e uma constante mistura de gestos de sedução com

as acções mais comuns do dia-a-dia, como se a sedução fosse sempre a acção mais importante para mim.

Fizeram de mim a grande cortesã da América. A mulher que está retratada nos posters no quarto dos camionistas e dos adolescentes de liceu. Também o sonho de todas as raparigas, até na cor do fato de banho. Namorei um presidente e o Billy Wilder fez desse caso um filme. Namorei o irmão do presidente, casei com um campeão de baseball, fiz um único filme sério, em que representava uma rapariga esquizofrénica, consegui ser famosa, mas não consegui ser eu.

É claro que gosto de ir para a cama com um homem atraente, mas a verdade é que estou farta de ser tratada como uma lata de rosbife, que tem que se comer depressa, mesmo que esteja fria.

Tive todas as possibilidades para ser amada e não fui amada, fui desejada.

Fiz do desejo dos outros o meu desejo quando pude e representei quando não pude. Um whisky antes, um cigarro depois. O que fazem um homem e uma mulher nus sobre a cama? Fazem pausa.

Sem ser tradicional, gostaria de ser discreta. Posso ter qualquer homem que eu queira, mas não quero ter qualquer homem que não me sirva para qualquer outra coisa. Sou cartaz para os políticos que se exibem comigo, sou prostituta para os que me querem sem me amar. Estou encerrada na personagem que me criaram como se estivesse na prisão.

Acabo por me parecer com uma personagem de banda-desenhada que encarnou no meu corpo, um pouco como o Batman e o Robin passaram da banda-desenhada para o cinema analógico com pessoas vivas. Também tenho um pouco de Catwoman e mesmo do Jocker, mas se o Batman me conhecesse não iria lutar contra mim. Cavalheiro como é, iria cortejar-me e ter pena, como um potencial bom pai de família, de que uma rapariga tão desejável não seja minimamente decente e se respeite a si própria.

O assédio atingiu um tal ponto que achei que não tinha direito a existir. No fundo, eu sofria de uma Perturbação Bipolar que me

fazia ser sedutora e encantadora quase todo o tempo mas detestável, autoritária e provocadora nas outras ocasiões. Um pouco como um espinho de uma rosa que eu cravasse nos olhos dos meus admiradores.

Assim, questionei o meu direito a viver e o amor que alguém pudesse ter por mim não lhe deu o direito de o amar. Foi assim que eu disse adeus a tudo.

SÓCRATES

Haverá pobres no amor?

Os que não têm boa voz nem são decididos nem atraentes não terão o direito de amar?

Será a selecção sexual de Darwin assim tão importante... muitas mulheres preferem uma boa conta de banco que lhes permita uma vida confortável para elas e uma boa educação e boas oportunidades de êxito para os seus filhos.

Esta é uma segunda selecção sexual em que as pessoas feias e desafinadas também podem cantar e ter aceitação.

O amor é um fenómeno transitório mas há um vínculo invisível que prende as pessoas umas às outras mesmo quando julgam que já não se amam. É assim que os casais ficam deprimidos quando se divorciam mesmo sem se amarem. Se reconhecem que nunca se amaram o falhanço é ainda pior e depressão mais profunda. Se se amaram e deixaram de se amar o vínculo fica para sempre, um pouco como acontece com a criança que se transforma em homem ou mulher e fica presa à mãe. E depois tenta reencontrá-la oculta nas belas vestes das pessoas que ama. As pessoas despem-se dessas vestes e possuem-se sem dar pela presença da mãe e do pai, mas no teatro da vida essa parte do público fica sempre a assistir ao belo espectáculo do amor. É esta beleza do amor afinal a sua essência. Quem ama acha bela a sua amada e pensa que a beleza é uma qualidade dela mas engana-se porque a beleza é na verdade a qualidade essencial do amor que sente.

Está necessariamente nele mas não necessariamente na pessoa amada. E quando sente que não é bela a pessoa que ama é porque o amor para ela deixou de ser a parte principal de uma percepção e se transformou num conceito ou num pensamento abstracto, belo em si e que pode ser encarnado por qualquer pessoa, mesmo feia. As mulheres feias sabem disso e são por esta razão as mais perigosas e irresistíveis sedutoras. A beleza do amor invade a vida da cidade. O arquitecto vai à praia, vê a bela jovem nua que sacode a água do corpo, chega a casa e desenha um templo em que estão presentes as proporções do corpo dela e assim a beleza e o amor dela ficam presentes e preensíveis para todos. Pode teorizar-se se a série de Fiobonacci com as proporções do corpo humano utilizada, por exemplo, por Le Corbusier na Ville Radiense em Marselha é um exemplo disso. É um amor sintáctico depurado do pathos humano que atravessa toda a natureza. A árvore e as suas folhas, a flor e as suas pétalas, o nautilus e a sua espiral, o caracol e a sua convoluta, o cão que galopa como um cavalo festivo de um dono para o outro.

Mas o amor é também arte e conhecimento. Opõe-se à natureza e força-a a entrar numa estrutura social e torna-se veículo do conhecimento.

O quadro representa duas belas mulheres, mas são Marta e Maria Madalena e a sua beleza veícula o conhecimento que nelas está simultâneamente imanente e transcendente, disponível para as mais ambíguas leituras. Assim, o amor é um objecto estético em que se projecta a nossa ânsia de perfeição. O amor culmina na obra de arte. Pois não foi assim que Pigmaleão se apaixonou pela sua estátua? E não será que as pessoas por quem nos apaixonamos se transformam nas nossas mais belas estátuas, que admiramos, neste caso ao contrário de Pigmaleão?

Quando olhamos para a árvore e a achamos bela, os nossos olhos não vêem as verdes folhas mas sim e apenas os conceitos, que são os universais de todas as folhas da árvore e também os ramos e a

frequência espacial característica da espécie e também o tronco e a proporção da sua copa.

Foi assim que Piet Mondrian pintou árvores que nós amamos. Os seus frutos são do rectângulo de ouro, ou dos rectângulos de Hambige. O pintor inventa os seus sólidos geométricos e inscreve neles o ser que pinta.

Por exemplo, Almada no retrato de Fernando Pessoa, inscreveu-o dentro de uma esfera. A perspectiva natural aos nossos olhos é desmantelada num espaço de atributos abstractos ou visuais pelos cubistas, como acontece no belo quadro de Amadeu que está no Museu de Belas Artes de Chicago ou nos “Três Músicos” de Picasso, no Museu Rainha Sofia em Madrid.

RUI SÓCRATES

Tu não pensas que o amor a Deus e o amor ao dinheiro serão também categorias do amor, Sócrates? Juro por Zeus que não estive envolvido no caso do Freeport. Foi tudo acelerado mas legal. O governo não é como um combóio em que se paga taxa de velocidade, ou achas tu que é?

Gostava antes que me falasses daquele Geral dos Jesuítas na Cidade Velha na Ilha de Santiago em Cabo Verde que, por mais torturas que lhe fizessem nunca revelou onde o dinheiro do tráfico de escravos estava escondido.

SÓCRATES

Morgan, antecessor dos banqueiros do mesmo nome foi o bucaneiro que torturou o jesuíta de que falas. Submeteu-o a todos os sofrimentos para o fazer falar, sem sucesso. Tentou então ameaçá-lo com a perda da vida eterna fazendo-o seduzir por uma bela crioula. Ela jogava com ele como um gato brinca com o rato, rindo-se do seu pudor desesperado. Eu digo que o desejo é conhecimento, mas é também um valor do conhecimento, algo que lhe é exterior sendo todavia seu atributo principal. É como a libação

do vinho roxo numa orgia. É ele que dá valor ao corpos que dantes pareciam neutros. É assim que Diónisus alimenta o seu culto.

O amor é eterno como a beleza. O desejo e paixão e a posse são seres do tempo, contingentes e efémeros. Mas não é também o homem um ser efémero? E não é este ser efémero que contempla a eternidade que sem ele não existiria? O Geral dos Jesuítas pensava que amava a Deus acima de todas as coisas. A bela crioula com o seu argumento ad homino forçou-o a convencer-se do contrário. Aí, ele morreu e deve ter ido para o céu dos banqueiros, ou melhor, com a crise, para o Hades dos banqueiros. Na verdade, quem ele amava era o deus ainda mais universalmente amado que o próprio Zeus, ele amava o dinheiro como um deus e assim morreu dignamente por ele. A doce tortura a que foi sujeito pela bela crioula que o ameaçava com o inferno dos cristãos foi afinal aquilo que a contingência e o valor humano aos seus actos, que considerados na perspectiva da beleza e da eternidade, seriam necessariamente desprezíveis.